

Algumas considerações sobre uma intervenção cuidadosa

O património arquitectónico, seja ele de que tipo for, estará sempre sujeito a intervenções periódicas a fim de se salvaguardar a sua preservação física. Portador de uma mensagem histórica, cada objecto é único e produto de uma época, de um estilo, de uma visão social ou, muitas vezes, de uma simples necessidade prática.

Constituídos por materiais e técnicas diferentes, e em si um espelho das tradições, das possibilidades e do desenvolvimento técnico/social, servindo como simples infra-estrutura ou onde uns habitaram e outros trabalharam, muitos chegaram aos nossos dias alterados (alguns falsificados), desprezados e a maioria com um futuro muito incerto.

Preservar uma casa, edifício ou monumento é um processo contínuo, uma luta contra as leis naturais, essas mesmas que, a longo prazo, transformam a pedra em areia e a madeira em pó. A manutenção periódica e cuidadosa dos nossos edifícios não é regra mas sim excepção. Os objectos que chegaram aos nossos dias, com um alto grau de autenticidade, são aqueles que sofreram uma manutenção periódica, normalmente restringida ao absolutamente necessário, executada com materiais e técnicas tradicionais de origem (ou compatíveis), e ainda aqueles cuja finalidade e cujo uso nunca foram alterados nem interrompidos.

Continuidade é, pois, um dos termos chave na preservação do património edificado. Primeiro que tudo porque actua como travão ao longo dos anos sobre a degradação física do elemento e, em segundo lugar, porque gera a preservação dos conhecimentos sobre métodos e materiais, um círculo fechado onde os efeitos positivos são consideráveis e tendem a actuar como “vacina” efectiva contra as aberrações, destruições ou falsificações.

As razões de uma intervenção podem ser, entre outras, uma simples manutenção periódica, uma modernização interna, uma reabilitação total, uma mudança de uso, alterações de plano, acréscimos, etc. Quanto maior a intervenção, maior é o perigo de se cometerem erros que, inevitavelmente, vão conduzir à perda de valores. Os restauros de “fachada” são um excelente exemplo onde quase tudo se perde nas partes interiores. As modernizações, alterações e acréscimos implicam, muitas vezes, a introdução de materiais e de infra-estruturas novas que conduzem a perdas e falsificações no imóvel. Inclusivamente, uma simples manutenção levada a cargo sem o devido conhecimento e sensibilidade, poderá acabar de uma maneira desastrosa.

A intervenção, seja ela qual for, vai sempre alterar o objecto, na maioria das vezes, irreversivelmente. Manutenção, recuperação, reabilitação, etc. devem sempre partir do princípio que o novo deverá ser adaptado ao velho, e não o contrário. O objecto que vai sofrer uma intervenção deve ser respeitado como testemunho e portador de uma história da qual os seus valores materiais, técnicos, arquitectónicos, artísticos ou outros, nunca devem ser separados ou ignorados. É, pois, necessário, e previamente a qualquer intervenção, identificar-se o que se quer fazer, e porquê. As questões devem sempre ter a sua devida resposta antes e nunca depois.

Uma fase de planeamento cuidadoso é imprescindível, previamente a qualquer intervenção prática. Deverá esta mesmo ser executada por profissionais competentes (e devotados) sobre a matéria. É impossível um planeamento medíocre ou mau terminar em bons resultados. A escolha dos profissionais que levarão a cargo a fase de planeamento é, pois, absolutamente crucial para o resultado final.

Identificação e documentação dos valores a preservar.

- Valores tais como técnicas de construção ou execução e materiais usados. As técnicas de construção podem ser tradicionais e/ou representativas de uma época, assim como podem ser pioneiras ou únicas, o que as torna especiais num contexto histórico. Os mesmos critérios devem ser usados para os materiais aplicados e os seus respectivos acabamentos.
- Valores arquitectónicos e artísticos são normalmente exponentes de uma época, de um estilo e de uma utilização definida. Estes valores são, ao mesmo tempo, dependentes e inseparáveis das técnicas e dos materiais usados. Importante também considerar que os valores arquitectónicos e artísticos, devem ser considerados e avaliados com os mesmos critérios em partes interiores e exteriores do edifício. Deve sempre ser o mesmo avaliado como parte íntegra de um conjunto (edifícios adjacentes, bairro, etc.) ou representativo de uma tradição e identificação local, regional ou nacional. Deve-se, também, ter em conta se são obras únicas ou com finalidades especiais, raras ou portadoras de mensagens históricas, económicas ou sociais.
- Valores de ordem mais subjectiva, tais como valores simbólicos ou representativos, autenticidade, valores pedagógicos, etc.

É a totalidade dos valores, identificados previamente, que nos permite passar a uma fase de planeamento das intervenções práticas de uma maneira consciente e cuidadosa. De muita importância é não esquecer que estes valores existem, não somente em construções antigas, mas também nas recentes e modernas. A salvaguarda e a preservação cuidadosa dos edifícios “modernos”, no presente, permitirá que os mesmos cheguem ao futuro com um alto grau de autenticidade.

Alguns critérios a considerar:

Preservar o mais possível

Um edifício é constituído por um conjunto de materiais e de estruturas diversas, cuja interacção, posição e função formam um objecto com características próprias e “inseparáveis”. O grau de autenticidade é sempre mais elevado nos objectos que chegaram aos nossos dias com poucas substituições e/ou alterações. Por cada elemento ou material substituído/alterado perde-se um pouco da história do objecto, mesmo tendo em conta que, paralelamente, estamos a preservar as suas estruturas, materiais, formas, estilo, funções, etc. (um automóvel onde todas as peças foram substituídas, não é mais do que uma replica do original).

Reduzir as intervenções ao mínimo

Este é um dos grandes problemas da reabilitação. Muitos são os valores materiais (económicos) que, inconscientemente, são deitados para o lixo, e substituídos por outros de qualidade inferior ou incompatíveis com os de origem. Basta, muitas vezes, reparar-se ou substituir apenas as partes degradadas ou que já não cumpram a sua função de uma maneira satisfatória (um telhado não necessita ser substituído por algumas telhas estarem partidas). Restringir as intervenções ao mínimo tem também partes positivas, sob um ponto de vista económico/ecológico.

Usar materiais e técnicas de origem (ou compatíveis)

Recorrer a materiais e técnicas de origem é normalmente um obstáculo na conservação. Os materiais podem já não existir no mercado e encontrar quem domine a sua aplicação prática pode ainda ser mais difícil. É, normalmente, nestas condições que surgem os materiais e as técnicas modernas, muitas delas totalmente incompatíveis (e desastrosas), quando implementadas num edifício antigo. Muitas obras de arquitectura milenares, chegaram aos nossos dias em excelente estado de conservação. Nunca nos devemos esquecer que as mesmas foram edificadas com cal, areia, pedra, tijolo, telha, madeira e ferro. Muitos edifícios antigos perdem o seus valores inerentes, devido ao uso desnecessário dos materiais e das técnicas modernas.

Adaptar o novo ao velho

A modernização dos edifícios antigos é algo que sempre ocorreu durante a história. A adaptação a novos tempos, outros ideais, novas necessidades e exigências, vai alterando os edifícios, sobretudo na sua parte interior. Estas intervenções tendem, infelizmente, a conduzir à obliteração da maioria dos valores materiais e técnicos de origem. A introdução de elementos novos deverá sempre ser ponderada, e a sua execução prática nunca deve significar a destruição desnecessária dos valores existentes. Este tipo de intervenções requer, pois, muita sensibilidade e cuidados de quem as planeia.

Considerar sempre uma possível reversibilidade futura

A introdução de novos elementos ou a substituição dos antigos deverá, sempre que possível, considerar uma futura reversibilidade. E essa mesma é sempre dependente de uma adaptação cuidadosa. Uma nova parede divisória pode ser construída de maneira a ser removida no futuro, sem causar grandes danos no original. Se bem que em certas situações este tipo de critérios possa ser um desafio à criatividade e obrigam quase sempre, de uma maneira ou outra, a compromissos vários.

Identificação e solução das anomalias existentes

O que é considerado anomalias por uns, pode representar vestígios do tempo para outros. A tendência de encontrar muitos “defeitos”, torna-se facilmente num obstáculo, no que respeita a reduzir as intervenções ao mínimo.

Elementos exteriores

As *Paredes* exteriores são normalmente constituídas por materiais diversos e com características específicas. A pedra, o tijolo, a madeira, o vidro e o ferro (e outros metais), são os materiais predominantes assim como os respectivos revestimentos, tais como o azulejo, o reboco e a tinta. Não esquecendo que, dentro de cada categoria de materiais, a qualidade, proveniência e características, podem diferir como o dia e a noite. O granito e o calcário, o pinho e o carvalho, a tinta de cal e a de óleo são só alguns exemplos. Trata-se, pois, de executar uma identificação correcta dos materiais existentes, o que nos permitirá mais facilmente distinguir as anomalias dos vestígios do tempo, e aplicar as soluções correctas.

A *pedra e o tijolo* são, em conjunto com uma *argamassa*, os elementos constituintes de uma alvenaria e exercem, pois, uma função estrutural importante. As anomalias existentes devem ser identificadas por profissionais com a devida competência. Qualquer intervenção deverá ser executada com materiais similares. Uma nota importante é a constituição da argamassa e dos seus elementos. Se a argamassa original é de cal, pois deverá a intervenção ser executada com uma similar, tanto na constituição como na proporção e granulometria. O uso, por exemplo, do cimento Portland nestas situações é totalmente incorrecto, desnecessário e muitas vezes desastroso. Normalmente, as alvenarias são rebocadas e, infelizmente, *os rebocos* antigos tendem a ser substituídos na sua totalidade. Esta situação é de se evitar, e deve-se tentar substituir somente as partes realmente degradadas. Naturalmente que a constituição da argamassa de reboco deverá seguir os mesmos critérios acima mencionados, e ter-se ainda atenção às suas eventuais texturas e acabamentos. Os rebocos “antigos” são sempre executados com várias camadas finas, sobrepostas e com os devidos cuidados de humedificação durante todo o trabalho. Uma eventual pintura antiga exterior não deve ser repintada se não existir necessidade de tal. O que seja pintado de novo, deverá ser executado com o mesmo tipo de tinta (ligante e pigmentos).

A *pedra natural* surge bastante, em edifícios antigos, como moldura de janelas e portas, em ornamentos, pórticos, varandas, etc. A pedra e o seu estado de preservação deve sempre ser avaliada por profissionais com experiência, já que as soluções requerem normalmente métodos especiais. No caso em que partes estejam totalmente degradadas, a pedra deverá ser substituída parcialmente. Aqui há pois que definir qualidade e origem, e não é sempre fácil de encontrar a mesma ou similar. Um pequeno alerta sobre os acabamentos que possam existir e que, normalmente, foram executados manualmente; estes devem sempre ser respeitados e repetidos nas partes substituídas. Métodos de limpeza à base de abrasivos podem ser nocivos, pois muitos deles causam danos, deixando a pedra “branquinha” mas esburacada, o que vai acelerar uma nova deposição de partículas de sujidade no objecto. Muitos trabalhos de pedra são “limpos” brutalmente, sem existir qualquer necessidade prévia que justifique essa ou outras intervenções. Finalmente nunca esquecer de refechar as juntas existentes com uma argamassa adequada.

O ferro em partes exteriores encontra-se normalmente em varandas e marquises. Por vezes é necessário recorrer à sua substituição mas, normalmente, trata-se apenas de problemas superficiais de óxido. A pintura do ferro deverá ser executada (depois dos óxidos serem removidos) com tintas de óleo, sendo a primeira camada de tinta protectora (com conteúdo de chumbo).

A *madeira* no exterior encontra-se nas janelas, caixilhos, portas e em alguns casos nos suportes de telhado sobressaído. A substituição total de janelas e portas, é uma praga que se tem vindo a alastrar nas últimas décadas. Não somente se deitam para o lixo excelentes valores materiais, sendo os mesmos ao mesmo tempo substituídos por aberrações metálicas ou plásticas, absolutamente incompatíveis e isentas de estética. Uma boa janela ou porta pode sempre ser remendada por um carpinteiro que saiba do seu ofício, substituindo partes podres ou degradadas. A madeira a usar deverá ser da mesma origem, bem seca, com alto teor de resinas naturais e proveniente de árvore de crescimento lento. Essas madeiras são difíceis de encontrar em serrações modernas, onde a qualidade do material, normalmente, é absolutamente deplorável, o que as leva, provavelmente, a apodrecer em poucos anos. As melhores madeiras para remendos, encontram-se (ironicamente) em demolições de edifícios antigos. A pintura das madeiras deverá sempre ser executada com tintas de óleo e nunca com tintas plásticas. A madeira de qualidade, com a devida e apropriada manutenção periódica, pode “sobreviver” centenas de anos. No caso em que alguns elementos necessitem ser substituídos na sua totalidade, deverão os mesmos ser executados com as mesmas dimensões, estilo, e materiais.

Os vidros antigos tem características diferentes dos modernos, devido a outros processos de fabricação e, também, dado o facto de o vidro não ser um material estável a longo prazo. Nunca substituir vidros antigos desnecessariamente. Nova massa de vidraceiro deverá sempre substituir a seca e fissurada, como prevenção contra as introduções de água.

Os revestimentos como *o azulejo* necessitam sempre de uma vistoria extensiva, pois muitos dos elementos podem estar em vias de destacamento. Esses devem ser previamente retirados, limpos, e colocados no seu lugar de origem com argamassa apropriada. No caso de faltarem azulejos devem-se fabricar novos, iguais aos originais *. Como este processo normalmente é caro, pode-se fabricar um número superior para eventuais necessidades futuras.

As tintas para alvenarias ou rebocos deverão sempre ser similares à original (normalmente tintas de cal) e nunca substituídas por tintas plásticas ou outras. Algumas destas tintas são propícias a retenções de humidade, o que vai acelerar a degradação do substrato. As tintas plásticas não podem ser repintadas com outras tintas de ligante diferente. Isto implica que todas as camadas desse tipo de tinta têm que ser removidas, anteriormente à aplicação de outras. Num sistema poroso como o reboco isto significa, na prática, a remoção total da camada superficial do substrato. A “repetibilidade” é, pois, sempre de considerar e, nesse aspecto, as tintas de cal são absolutamente o que se encontra de melhor. A pintura de cal é sempre aplicada em camadas múltiplas e finas.

* Qualquer replica de azulejos antigos pode levar uma pequena marca mínima (só reconhecível a curta distância), a fim de identificar o moderno e o antigo.

Cobertura

O telhado é o factor mais importante na defesa do edifício contra o meio ambiente. As telhas originais são um elemento importantíssimo sob o ponto de vista estético. Um telhado substituído com telhas de outro formato, fabrico ou cor altera as características do objecto de uma maneira definitiva. Os trabalhos de manutenção devem sempre ser executados com o maior dos cuidados e, de preferência, só substituir as telhas partidas ou altamente degradadas. Madeiras de suporte devem ser substituídas e protegidas quando necessário. A substituição de telhas em edifícios recentes tende a tornar-se problemática, pois muitas dessas já não se fabricam. Quando se substitui (por necessidade) um telhado inteiro deve-se, pois, adquirir sempre um número de telhas superior ao necessário, para prevenir estes problemas futuros. A escolha de uma telha tradicional poderá, por estes motivos, ser vantajosa. No caso em que existam caleiras e tubos de queda, devem estes ser substituídos por similares (na forma e material) sempre que necessário.

Elementos interiores

As *escadarias* são sempre o “cartão de visita” de um edifício. Muitas vezes com trabalhos artísticos, estuques, painéis de azulejos, pinturas decorativas, ascensores da época, madeiras raras, mármore e pedras decorativas, portas e vidragens de qualidade, etc. Os cuidados aqui devem ser sempre especiais e a execução dos trabalhos requer, muitas vezes, a competência de conservadores. A inclusão de materiais novos (desnecessária) e a destruição dos antigos, nestes ambientes, é uma ofensa a todos aqueles que, com conhecimento e devoção, nos deixaram tão belos testemunhos.

Os *fogos* devem seguir os mesmos critérios anteriormente mencionados, principalmente no que respeita a elementos tais como portas, pavimentos, azulejos, estuques, armários e pedras de cozinha, varandas, etc. É, normalmente, aqui que tudo desaparece ou se transforma de uma maneira irreversível ao longo dos anos e que, muitas vezes, põe em causa a própria segurança estrutural dos edifícios.

A substituição das *instalações técnicas* é uma necessidade que implica intervenções maiores em diferentes estruturas. Normalmente, é necessário abrir roços que, obviamente, vão ter que ser tapados. Em *escadarias* é de recomendar uma moderação e cuidado na intervenção, pois materiais eventualmente inutilizados, podem vir a ser impossíveis de encontrar no mercado. Repor como estava antes, é prioridade do bom conservador, quando não existem outras alternativas de intervenção.

Por ultimo, deixo algumas considerações sobre uma boa obra de intervenção. O sucesso final depende, primeiro que tudo, do planeamento inicial. A capacidade dos profissionais envolvidos neste processo é crucial e decisiva. No campo da execução surgem sempre problemas não previstos. Ou não se encontram os materiais, ou quem os saiba aplicar. Saber executar um reboco de cimento, não implica saber implementar um outro com argamassas de cal. Pintar com tintas plásticas ou com outras baseadas em óleo de linhaça, é uma diferença significativa. A recuperação de um edifício antigo requer muita paciência, moderação, vontadee trabalho, porque as soluções podem ser simples e obvias mas, ao mesmo tempo, por razões já mencionadas, difíceis de implementar.

Last but not least um diálogo, ponderação e avaliação continua do que se fez, do que se faz e do que se vai fazer, e uma documentação extensiva e detalhada das soluções e materiais implementados.

Göteborg, Maio de 2003

Júlio Amorim